

AS RELAÇÕES SOCIAIS DO PATRIARCALISMO NA VISÃO DO NARRADOR PAULO HONÓRIO: UMA LEITURA ESTILÍSTICA DO CAPÍTULO VII DE *S. BERNARDO*

Joyce Kelly Barros da Silva

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino

Antonio Morais de Carvalho

Professor Doutor da Unidade Acadêmica de Letras
Universidade Federal de Campina Grande

Palavras-chave: Personagem; Narração; Patriarcalismo.

Q

Quando se estuda as personagens secundárias de *S. Bernardo*, algo que se nota é a recorrência com que seu Ribeiro é citado nos estudos sobre esta obra de Graciliano Ramos. Ao contrário de d. Glória, Casimiro Lopes, Padilha, Mãe Margarida, etc., seu Ribeiro tem sido facilmente notado pelos críticos literários. A razão disto reside no fato de que a funcionalidade desta personagem salta aos olhos do leitor durante a narrativa devido o seu caráter contrastivo: seu Ribeiro, com seu ritmo, sua linguagem, sua origem, é sem dúvida a antítese de Paulo Honório-narrador.

Paradoxalmente, os estudos em que aparecem dados interpretativos acerca de seu Ribeiro nunca tiveram a pretensão de analisar a personagem em si, já que somente a utilizava como exemplo (ou contra-exemplo) para afirmações analíticas feitas em relação a outros aspectos do livro. Por isso, apesar de apresentarem boas e coerentes leituras envolvendo o guarda-livros de *S. Bernardo*, os trabalhos que conhecemos não aprofundam a discussão sobre ele.

Este artigo se vale de muitas dessas contribuições de leitura, no entanto, tentamos aprofundar o tema através da análise do capítulo VII de *S. Bernardo* e de outros trechos do romance que se referem a seu Ribeiro e que, tendo em vista os objetivos do trabalho (mostrar como Paulo Honório concebe a personagem e seu mundo), mereceram um pouco mais de atenção.

1. Narrador em primeira pessoa, Paulo Honório traça em *S. Bernardo* a sua biografia, tornando-se, assim, o responsável pelas articulações do livro. Do ponto de vista das personagens, o narrador insere sucessivamente por meio de capítulos e de fatos específicos as pessoas que ele supõe indispensáveis ao memorial. A utilização desse “método” de composição por parte do fazendeiro não ocorre irrefletidamente e a prova maior disso está num dos trechos mais comentados de *S. Bernardo* (final do cap. XIII), no qual ele mesmo salienta a necessidade de criar um novo capítulo para que Madalena entre na narrativa. Uma particularidade significativa, nesse sentido, é a de que Paulo Honório também dedica a seu Ribeiro um capítulo particular — o capítulo VII da obra funciona, de modo estrito, para marcar a entrada da personagem em *S. Bernardo*.

Começando a análise pela inserção do capítulo VII no plano geral do romance, vemos que, quando observada a partir de alguns aspectos, esta parte dedicada a seu Ribeiro suscita a

impressão de que eles (personagem e capítulo) são nulos dentro da narrativa. Tal impressão resulta da forma peculiar com que a obra foi construída. A primeira peculiaridade está no modo como o capítulo de seu Ribeiro parece não estabelecer nenhuma relação com o que vinha sendo delineado até então no romance: girando sempre em torno da exposição das “trapaças” utilizadas para a aquisição de *S. Bernardo*, a narrativa de Paulo Honório entra sem motivo aparente na história de seu Ribeiro, encontrado “chupando uma barata” num jornal de Maceió.

A segunda peculiaridade reside no fato de que seu Ribeiro é literalmente apresentado pelo narrador. Enquanto as outras personagens entram no relato de Paulo Honório já desenvolvendo alguma ação relevante para o curso de sua vida, o guarda-livros é expresso por meio de seu passado, que sequer é contado por ele mesmo. Isso é um traço distintivo para seu Ribeiro, uma vez que somente ele adentra *S. Bernardo* por meio de uma narrativa (paráfrase da possível história contada por seu Ribeiro ao narrador), que por si só se responsabiliza por revelar a pessoa e vida da personagem, já que ambas se revelam reciprocamente.

Aliada a estes dois motivos, está também a pequena atuação quantitativa desta personagem. A leitura completa do romance mostra que das personagens que residiram com Paulo Honório, seu Ribeiro é a que menos aparece no seu enredo, fazendo-se presente em apenas três momentos: em duas cenas em que dialoga a sós com Paulo Honório; e numa outra, em que predomina um diálogo grupal e onde ele atua proferindo apenas duas falas. Olhando por essa perspectiva, é uma atuação realmente pequena e, por isso, passível de ser vista como insignificante, principalmente tendo em vista a amplitude do gênero romanesco.

Essa aparente inutilidade de seu Ribeiro (e das partes que lhe dizem respeito) talvez tenha sido a causa maior que induziu o crítico Álvaro Lins (1982), em seu trabalho *Valores e misérias das vidas secas*, a fazer a seguinte afirmação:

Nota-se a princípio uma certa hesitação na marcha do enredo de *S. Bernardo*. Os primeiros capítulos se lançam em várias direções, como se o próprio romancista não estivesse ainda no domínio da linha central do desenvolvimento dramático. **Há mesmo alguns trechos que parecem enxertados, podendo figurar ou não no conjunto, indiferentemente, como o capítulo VII, com a história independente de seu Ribeiro.** Como ficção, rigorosamente, o livro só se afirma e define a partir do casamento de Paulo Honório com Madalena. (LINS: 1982, p. 148 — grifos nossos)

A crítica de Álvaro Lins mostra-se desarrazoada desde o início do trecho. Primeiramente, deve-se ter em mente que se há alguma “hesitação” no enredo deste romance ela não deriva de um defeito técnico do livro, nem da incapacidade do romancista, mas sim da indecisão do narrador que titubeia ao ver que não conseguirá articular a narrativa com o trabalho braçal de seus “amigos”. Além do mais, ainda que fosse aceitável considerar que o livro só se afirma e define como ficção a partir do casamento de Paulo Honório com Madalena — como diz Lins — seria impossível compreender esta mesma parte sem a existência dos dezesseis capítulos que a antecedem. Por isso, tudo o que é narrado antes do casamento é fundamental (e não enxerto) porque delinea as personagens e prepara o cenário para a realização do casório e para o futuro

conflito dos protagonistas. O interessante é que o crítico escolhe justamente o capítulo de seu Ribeiro para exemplificar a “descartabilidade” do que é narrado antes da entrada de Madalena.

Procurando encontrar as razões que fundamentam a leitura de Álvaro Lins, acreditamos que o crítico tomou como suporte para esta afirmação os três aspectos que elencamos acima (capítulo “solto” na narrativa; inclusão da personagem por meio de narrativa e não de ação; pequena atuação quantitativa) e, principalmente, o critério quantitativo, porque realmente seu Ribeiro não se faz facilmente visível no romance. É inegável também que seria muito mais difícil Álvaro Lins conceber argumentos para assegurar que o capítulo IV (em que Paulo Honório adquire S. Bernardo) não é “rigorosamente ficção” e sim enxerto desnecessário, do que fazer isto com o capítulo sobre seu Ribeiro, que parece estar flutuando entre os demais.

Entretanto, a entrada de seu Ribeiro no livro não ocorre num momento despropositado, casual ou aleatório: esta personagem é chamada a *S. Bernardo* após uma espécie de “virada” em que Paulo Honório se completa como fazendeiro-capitalista, figura diferente daquele que é vista nos capítulos anteriores. De modo geral, antes do aparecimento de seu Ribeiro, o narrador havia se restringido a dizer como perambulou pelo mundo, a maneira sagaz e desonesta que possibilitou a aquisição da propriedade S. Bernardo e as dificuldades enfrentadas em após a compra:

Naquele segundo ano houve dificuldades medonhas. Plantei mamona e algodão, mas a safra foi ruim, os preços baixos, vivi meses aperreado, vendendo macacos e fazendo das fraquezas forças para não ir ao fundo. Trabalhava danadamente, dormindo pouco, levantando-me às quatro da manhã passando dias ao sol, à chuva, de facão, pistola e cartucheira, comendo nas horas de descanso um pedaço de bacalhau assado e um punhado de farinha. (RAMOS: 2005, p. 35)

Ainda que atuando dentro dos limites da fazenda, o narrador ainda não a havia adquirido de fato, não havia dominado a situação, como veio a acontecer logo depois. Essa falta de domínio é percebida a partir do impasse simbólico estabelecido entre as cercas de S. Bernardo e as de Bom Sucesso (numa visível desvantagem para a primeira), e, principalmente, pela ambigüidade das atitudes de Mendonça, que deixa Paulo Honório sem a estabilidade que tanto lhe agrada, e, por isso, insatisfeito, incomodado. Ora, o capítulo VI (anterior ao de seu Ribeiro) marca exatamente o fim desse impasse e o ponto final da luta de aquisição de S. Bernardo, uma vez que narra o assassinato de Mendonça por Casimiro Lopes.

O importante de tudo isto é perceber que do capítulo VI para o VII, Paulo Honório passa de homem ameaçado a fazendeiro plenamente estabelecido, capitalista acabado, possuidor de uma propriedade cujas finanças necessitam de um contador. Um contador é escolhido e é nessa conjuntura que seu Ribeiro entra nas relações de Paulo Honório.

Quanto à questão quantitativa a que temos nos referido, podemos afirmar que analisar a função de seu Ribeiro através do critério quantitativo leva inevitavelmente a equívocos, pois obscurece a importância que a personagem desempenha na narrativa. Como veremos mais à frente neste trabalho, essa relevância é criada através do modo como seu Ribeiro constitui uma força de oposição em relação ao narrador, que não necessariamente precisa ficar na epiderme do texto

para realizar sua função. Não é preciso que seu Ribeiro desenvolva grandes ações na narrativa para que seja “útil” ao jogo de sentidos estabelecido pelo romance, até porque isto seria inverossímil tendo em vista a própria natureza da personagem e o plano geral da narrativa.

Quanto ao último fator que “justifica” a insignificância de seu Ribeiro (ser apresentado por Paulo Honório através uma narrativa na qual não se vê a “voz” da personagem), asseguramos que embora isto também pudesse ser um dado que desse a sua atuação um valor menor do que a das outras pessoas, o recurso de ser inserido desta maneira somente intensifica tanto a importância de seu Ribeiro, quanto o valor literário do romance e o poder de criação de Graciliano Ramos. Caso o narrador desse vez a voz de seu Ribeiro, haveria uma quebra no ritmo da narrativa (que tem o ritmo de Paulo Honório) devido à enorme diferença de seu estilo lingüístico. Com isto, tanto seriam necessários dois *S. Bernardo* para comportar a retórica de seu Ribeiro, quanto o capítulo VII se tornaria um apêndice no livro. E Paulo Honório é objetivo (além de egoísta) demais para entregar a palavra a alguém assim, visto que o seu processo de uso da língua é outro: “É o processo que adoto: extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço.” — p. 88.

Outra razão é que para compreendermos por inteiro a pessoa de seu Ribeiro é necessário que cheguemos mais perto de seu mundo e de seu tempo, e possivelmente uma simples descrição da personagem, ou uma outra forma qualquer de inseri-la no romance, não conseguiria nos transportar para um mundo distante, longe do nosso círculo de experiências.

2. A oposição estabelecida entre seu Ribeiro e Paulo Honório tem como base não apenas um conjunto de características pontuais do fazendeiro e de seu contador (linguagem, ritmo das ações, vínculo de amizades, etc.), mas as próprias concepções de vida de cada um deles. Por isso, não são diferenças superficiais, já que resultam do modo particular como eles sentem e pensam o mundo. Essa diferenciação radical entre narrador e personagem começa a tornar-se perceptível desde logo pela própria estrutura da narrativa concernente a seu Ribeiro. A história de seu Ribeiro possui dois tempos narrativos, cada um deles retratando um período específico: no primeiro, o patriarcalismo; no outro, a ascensão e o estabelecimento do capitalismo. Na primeira parte da narrativa, temos acesso ao modo de vida de uma sociedade diferente da que se encontra em *S. Bernardo*, mas que, à medida que se moderniza, vai se transformando na estrutura social e econômica da fazenda do narrador, estado que constitui assim a segunda parte. Neste movimento, a figura de seu Ribeiro (destaque no ambiente em que vive) vai paulatinamente sendo obscurecida, já que a sociedade começa a legitimar o sistema “Paulo Honório”.

Com esta bipartição, a história parece sustentada em dois paradigmas: de um lado da moeda, encontramos o “anacronismo” patriarcal, preenchido por categorias como a juventude, o reconhecimento, a coletividade, a tradição, e etc.; do outro, o paradigma do progresso: a velhice,

a infelicidade, o abandono, o individualismo e a inovação. A abertura da narrativa tipifica bem essa dicotomia: “Seu Ribeiro tinha setenta anos e era infeliz, mas havia sido moço e feliz.” — p. 43.

A primeira parte da narrativa começa por ratificar a importância de seu Ribeiro, a partir da ênfase dada à consideração e ao respeito com que a população se dirigia à personagem:

Na povoação onde ele morava os homens descobriam-se ao avistá-lo e as mulheres baixavam a cabeça e diziam:

— Louvado seja o Nosso Senhor Jesus Cristo, seu major. (RAMOS: 2005, p. 43)

Os gestos da população (revestidos de certo caráter cerimonial) e a designação de “major” dada a seu Ribeiro (título antigo com que se nomeavam as pessoas importantes dos lugarejos) confirmam a respeitabilidade que reveste a personagem. Ao contrário do patrão, para quem o respeito é misto de obediência e medo, o “pater” é considerado pela proteção e auxílio que oferece às pessoas do seu convívio. Esta consideração, no entanto, não impede que as pessoas desenvolvam relações de proximidade com aquele que lhes gerencia.

Nesse sentido, a autoridade de que seu Ribeiro está imbuído (diferentemente de Paulo Honório) não o exclui dos movimentos mais íntimos do povo: “Quando alguém recebia cartas, ia pedir-lhe a tradução delas. Seu Ribeiro lia as cartas, conhecia os segredos, era considerado e major.” — p. 43. Numa época em que a leitura era conhecida por poucos, e a carta era uma das maneiras de comunicação mais viáveis, seu Ribeiro tem o papel de mediador das relações entre pessoas distantes, compartilhando “segredos” e experiências que a escrita é capaz de reproduzir. Traduzindo com estilo os riscos enigmáticos da escrita, seu Ribeiro representa a erudição de seu povo, todavia uma erudição partilhada: “Se se divulgava uma dessas palavras esquisitas, seu Ribeiro explicava a significação dela e aumentava o vocabulário da povoação.” — p. 44.

Seu Ribeiro também era o responsável pela organização social do povoado. Em questões de limites de terras, de possíveis crimes, de desavenças entre as pessoas, seu Ribeiro estudava os casos e dava a sentença. Como filhos obedientes, ninguém se opunha às opiniões dele, pois “a decisão do major era um prego”. Com este poder de decisão, o patriarca representava o próprio poder judiciário, uma vez que no vilarejo não havia nem juiz, nem soldados.

Na instância espiritual, o vilarejo do major se destaca pela prática de uma religiosidade isenta de convenções dogmáticas, representada pela distância/ausência da figura do vigário e pela natureza dos ritos dirigidos pela matriarca, mulher de seu Ribeiro. A reza do terço, um antigo e caseiro exercício religioso, e a “contação” de histórias às crianças do povoado sinalizam para uma religiosidade simples e familiar, oposta à religião institucionalizada, presente em S. Bernardo, onde a igreja desempenha funções inteiramente utilitaristas. Isenta do caráter pragmático, a religião efetuada pela mulher de seu Ribeiro tem como essência a própria experiência “mística” concedida pelo fervor das novenas e pelas vidas exemplares dos santos, quer sejam elas

institucionalizadas, verdadeiras ou não: “É possível que nem todas as histórias fossem verdadeiras, mas as crianças daquele tempo não se preocupavam com a verdade.” — p. 44.

É interessante observar como é forte na organização do povoado de seu Ribeiro a presença da coletividade. Além das práticas religiosas, realizadas em conjunto, tem-se o ajuntamento da feira-livre, os festejos juninos e o aproveitamento grupal da casa e das colheitas: “Seu Ribeiro tinha uma família pequena e casa grande. A casa estava sempre cheia. Os algodoais do major eram grandes também.” — p. 44. Destacamos com isto a inexistência da noção de propriedade individual e exclusiva, uma vez que tudo o que pertence ao major é do desfrute do povo. Assim como Paulo Honório, seu Ribeiro possui a *casa grande*, os algodoais extensos. Se nisto os dois se assemelham, na questão da repartição do lucro se diferenciam totalmente. Enquanto os trabalhadores de Paulo Honório sobrevivem à base de barbatanas de bacalhau, cabendo somente ao fazendeiro a riqueza das colheitas, no povoado de seu Ribeiro não há sequer a histórica oposição racial entre pretos e brancos, numa alusão perfeita à existência não do respeito ao diferente, mas da própria inconsciência da diferença: “Nas colheitas a população corria para eles. E os pretos não sabiam que eram pretos, e os brancos não sabiam que eram brancos.” — p. 44.

Nos festejos juninos, a tradição e o ludismo aparecem como dádivas coletivas. O ajuntamento em redor da fogueira do major estabelece a festa como prática social do vilarejo, marcada pela ausência de conflitos, uma vez que o bacamarte de seu Ribeiro dá “tiros medonhos”, mas apenas para homenagear S. João. Enquanto isto, Paulo Honório mantém os moradores da propriedade num regime desumano de trabalho. Notemos que em todo *S. Bernardo* só há uma passagem em que se vê um agrupamento de festa, mesmo assim ela é organizada por Padilha no tempo em que este ainda era dono da fazenda. O festejo é inclusive descrito pelo narrador com certo tom de desprezo e ironia. Não por coincidência, a festa também é de S. João:

À noite, enquanto a negrada sambava, num forrobodó empestado, levantando poeira na sala, e a música de zabumba e pífanos tocava o hino nacional, Padilha andava com um lote de cablocas fazendo voltas em redor de um tacho de canjica, no pátio que os muçambês invadiam. (RAMOS: 2005, p. 44)

É fácil perceber como as práticas de seu Ribeiro até o momento se opõem diretamente as do narrador, já que nesta primeira fase da história predomina o sistema patriarcal. Daqui em diante, tudo vai convergir para que o vilarejo de seu Ribeiro vá se modernizando pouco a pouco até possuir como sistema social e econômico o mesmo que encontramos em *S. Bernardo*.

A modernização que chega ao povoado de seu Ribeiro ganha espaço não apenas pela *inclusão* de elementos pertencentes à tecnologia da época (máquinas/ novas construções/ automóvel/ eletricidade/ cinema), mas principalmente pela *transformação* daquilo que já existia antes: “Mudou tudo. Gente nasceu, gente morreu, os afilhados do major cresceram e foram para o serviço militar, em estrada de ferro.” — p. 45. As alterações ocorrem não apenas de fora para dentro, pelo

recebimento de novos artefatos, mas pela mudança de concepção e de comportamento da população, que agora os aceita como bons e melhores e adotam novos hábitos: os afilhados do major crescem e trocam a cidade pelo serviço militar; as moças e os rapazes passam a dançar o frevo e o tango e os homens adotam “gravatas e profissões desconhecidas”. Com isto, todas as instâncias começam a sofrer suas devidas modificações.

No plano da religião e da fé, as práticas da matriarca são substituídas pela atuação do vigário e do médico. Com o primeiro, se estabelece o culto da aparência, a capela é trocada pela igreja bonita e as histórias dos santos, misto de imaginação e espiritualidade, “morrem na memória das crianças”. Com o médico vem o ceticismo, a ciência se sobrepõe à fé e a crença nos santos. Agora, a importância de seu Ribeiro se desintegra, fazendo surgir para cada função social que desempenhava uma profissão específica: chefe político, advogado, promotor, juiz de direito, delegado de polícia, médico, padre.

Ao chegarmos nesta parte da história, vemos que o objetivo maior do narrador é realmente pôr em destaque a redução da importância de seu Ribeiro. Por isso, é a gradação o recurso principal de construção da narrativa tanto do ponto de vista da macro, quanto da micro-estrutura do texto: tanto o encadeamento dos fatos, quanto a estrutura sintática e os elementos lexicais constroem a idéia de que, à medida que o vilarejo vai se modernizando, seu Ribeiro vai se desqualificando para a população, e tanto os seus recursos como seus atributos vão sendo reduzidos até desaparecerem por completo.

A primeira grande redução diz respeito à extinção da família de seu Ribeiro, instituição que outorgava a ele o direito de governo. Com os impactos da mudança, a mulher do major “entristece, emagrece e fina-se”. Ao lado da população que se dispersa no turbilhão do progresso, os filhos do major “acham o lugar atrasado e fogem”, restando a seu Ribeiro a vergonha e a exclusão. A sabedoria do major “encolhe-se” e a sua autoridade vai “minguando, até desaparecer”. A casa, grande e vazia, é trocada por outra menor e com a fuga dos filhos é dissipada totalmente. Eis o resultado final:

Seu Ribeiro enraizou-se na capital. Conheceu enfermarias indigentes, dormiu nos bancos dos jardins, vendeu bilhetes de loterias, tornou-se bicheiro e agente de sociedades ratoeiras. Ao cabo de dez anos era gerente e guarda-livros da Gazeta, com cento e cinquenta mil-réis de ordenado, e pedia dinheiro aos amigos. (RAMOS: 2005, p. 46)

Este último parágrafo da história marca o final da gradação decrescente: de major respeitado, seu Ribeiro passa a indigente, e de homem de caráter, a “bicheiro e agente de sociedades ratoeiras”. Vê-se no final da gradação, a degradação de seu Ribeiro, promovida pelo sistema capitalista. Todavia, Paulo Honório não critica o sistema do qual seu Ribeiro foi vítima, mas atribui ao seu ritmo insuficiente a causa para o resultado desastroso da história (o seu esmagamento), já que foi ele que não conseguiu acompanhar o progresso: “— Tenho a impressão de que o senhor deixou as pernas debaixo de um automóvel, seu Ribeiro. Por que não andou mais depressa? É o diabo.”

— p. 46. Ao contrário de seu Ribeiro, o narrador (pelo menos até a morte de Madalena) tem o passo tão afinado com a modernidade que não só tem pernas suficientes para fugir do seu esmagamento, quanto para acompanhá-la.

Essa breve leitura do capítulo que retrata a vida de seu Ribeiro antes da sua chegada em S. Bernardo já permite ver alguns indícios de como a subjetividade do narrador concebe esta personagem. Percebemos que, ignorando o caráter desumano e excludente dos fatos que atingiram a personagem, o narrador o vê como indivíduo anacrônico, inadaptado para o estilo de vida do progresso capitalista.

Numa releitura do capítulo, é possível perceber elementos sutis que contribuem pra evidenciar essa perspectiva incompreensiva de Paulo Honório. Tal perspectiva do narrador aflora no texto principalmente pelo fato de que ele exclui do capítulo o discurso de seu Ribeiro, mantendo o seu próprio. A afirmação feita pelo narrador de que irá nos apresentar a história do ex-patriarca a partir de uma “reprodução” é nesse sentido, plenamente falaciosa. E é interessante observar que ao dizer que vai reproduzir o narrador elenca os dois recursos que utilizará para tal: o uso dos verbos na terceira pessoa e da mesma linguagem do personagem. Dessa forma, é o próprio Paulo Honório quem nos dá a prova maior de que a narrativa *reproduz* pouco daquilo que efetivamente foi contado por seu Ribeiro, uma vez que a linguagem dele (redundante, cheia de adjetivação, superlativos e arcaísmos) não é vista em nenhum trecho. Esse silenciamento de seu Ribeiro põe em evidência a visão do narrador, revelada pela linguagem, pelo estilo que é dele mesmo.

A primeira “estratégia” utilizada pelo narrador na construção da história é o desaparecimento de referências reais relacionadas ao vilarejo de seu Ribeiro, palco das transformações de que foi vítima. Não há nenhuma menção a datas, nem a nomes de locais. A única referência dessa natureza aparece somente no final da história, mesmo assim quando a personagem sai de seu lugarejo e se instala em Maceió. Se, por um lado, essa ausência de nominalização pode ser entendida como um recurso do próprio Graciliano Ramos para não restringir o processo capitalista a um espaço específico, tornando a experiência do vilarejo como uma espécie de símbolo, por outro lado, pode ser entendida como um “cálculo” do narrador, que ao excluir estas mesmas coisas dá ao povoado de seu Ribeiro uma estrutura “fabular”, distanciando o mundo da personagem da realidade social empírica.

Além da fuga do estilo de seu Ribeiro, Paulo Honório também dá uma nova roupagem aos fatos. É curiosa, nesse sentido, a inclusão de episódios problemáticos acontecidos ao próprio narrador, mas que acabam servindo para caracterizar a sociedade patriarcal “ribeirense”. O caso do homem morto à faca e da prisão do homicida faz referência a Paulo Honório, preso pela morte de João Fagundes, esfaqueado. O caso dos dois amigos que brigam por terra lembra-nos a discórdia entre Mendonça e o narrador. A história da “sujeitinha” que engravida e do casamento com o sedutor parece não pertencer à S. Bernardo, entretanto a encontramos numa das passagens em que Paulo Honório comenta as complicações com o velho Mendonça:

Percorri a zona da encrenca. A cerca ainda estava no ponto em que eu a tinha encontrado no ano anterior. Mendonça forcejava por avançar, mas continha-se; eu procurava alcançar os limites antigos, inutilmente. Discórdia séria só esta: um moleque de S. Bernardo fizera mal à filha do mestre de açúcar de Mendonça, e Mendonça, em conseqüência, metera o alicate no arame; mas eu havia concertado a cerca e arranjado o casamento do moleque com a cabrochinha. (RAMOS: 2005, p. 46)

Além de comprovar que o capítulo de seu Ribeiro mantém uma nítida ligação com os anteriores, uma vez que todos esses eventos acontecem do capítulo VII para trás, a utilização por parte do narrador desses casos que lhe são particulares sugere que, tanto num sistema como no outro, o que muda é apenas a maneira de solucionar os problemas, uma vez que estes são sempre os mesmos em quaisquer circunstâncias sociais. Devemos perceber também que, além de incluir esses fatos/problemas na narrativa, o narrador opõe o povo do vilarejo ao próprio seu Ribeiro, numa diferenciação que ocorre de forma visivelmente irônica:

Com efeito, seu Ribeiro não era inocente; decorava leis, antigas, relia jornais, antigos, e, à luz da candeia de azeite, queimava as pestanas sobre livros que encerravam palavras misteriosas de pronúncia difícil. [...] Os outros homens, sim, eram inocentes. Acontecia às vezes que uma dessas criaturas inocentes aparecia morta a cacete ou a faca. (RAMOS: 2005, p. 44 — grifos nossos)

A oposição inocência e não-inocência, que ironicamente refere-se ao à comunidade e a seu Ribeiro respectivamente, mostra a diferença entre líder e comandados. Tendo em vista as ações que pratica, a população do vilarejo aparece igual (e ruim) como qualquer outra, ficando o diferencial apenas na figura de seu Ribeiro, o não-inocente. O fato de seu Ribeiro aparecer como o único diferente da história acaba por validar o processo capitalista, já que o sistema não aparece como vilão: foi seu Ribeiro que, por ser como é (bom e atrasado), não soube aculturar-se às novas perspectivas. Daí a insistência do narrador quanto à preferência de seu Ribeiro às coisas antiquadas ganha sentido, pois serve para realçar o caráter retrógrado da personagem: “decorava leis, *antigas*, relia jornais, *antigos*, e, à luz da candeia de azeite, queimava as pestanas sobre livros que encerravam palavras misteriosas de pronúncia difícil.” — p. 44 (grifos nossos). Percebamos que mesmo descrevendo o período em que seu Ribeiro era “moço e feliz”, o narrador enfatiza o apego deste ao passado. Nesse jogo de sentidos, a ironia do narrador afirma e nega num mesmo lance: se seu Ribeiro não é inocente por causa da leitura, por outro lado, aquilo que ele lê o torna distante e desatualizado da realidade, pois que até os jornais (meio de informar-se do tempo presente) estão atrasados.

3. O capítulo VII permite não apenas entendermos como Paulo Honório compreende seu Ribeiro, como também sabermos o modo como ele se relaciona com a personagem, modo que parece desmentir seu modo de compreensão: há no narrador uma surpreendente inclinação pela personagem, uma simpatia (para dizer com as palavras dele) que desponta de várias maneiras no romance. Está visto que é uma simpatia no estilo Paulo Honório, espécie de sentimento

particular, que beira a sensibilidade humana, mas que não ultrapassa os limites utilitários que o seu coração reificado permite, sendo susceptível às circunstâncias do momento. Vejamos como:

Por esse tempo encontrei em Maceió, chupando uma barata na Gazeta do Brito, um velho alto, magro, curvado, amarelo, de suíças, chamado Ribeiro. Via-se perfeitamente que andava com fome. Simpatizei com ele e, como necessitasse um guarda-livros, trouxe-o para S. Bernardo. (RAMOS: 2005, p. 43)

É sempre importante dar atenção à maneira como o narrador de *S. Bernardo* elabora a sua primeira notação em relação a alguém da narrativa, justamente porque nela ele utiliza elementos significativos que antecipam a sua subjetividade, o seu ponto de vista. Tendo em vista a leitura da obra, a observação de passagens em que seu Ribeiro aparece (quer por uma descrição do narrador, quer por uma atitude ou fala sua) e ao modo como Paulo Honório concebe a figura desta personagem, as suíças e a curvatura são elementos que sinalizam a maneira com constrói a personagem durante o romance. Semelhantemente a d. Glória, em que adjetivos como “alta”, “magra” e “velha” servem para que o fazendeiro a delineie ao longo do romance como alguém de aparência séqüida, imprestável e insignificante, as suíças de seu Ribeiro denotam a maneira como a subjetividade do narrador o concebe: alguém cujos modos de vida, nos mais ínfimos detalhes, está preso a um tempo que já não existe mais.

A questão da descrição, nesse caso particular, não está ligada exclusivamente ao corpo físico da personagem, mas a todas as relações de sentido que ela estabelece no romance. Sendo assim, ser “curvado” é metáfora para o fato de que seu Ribeiro desistiu após o fracassou, curvando-se diante das circunstâncias. Ser “amarelo” para o narrador é passar fome. É notório como o narrador põe em relevo a situação flagelada em que se encontrava seu Ribeiro antes de ser “achado” por ele. A ênfase a essa precariedade é relevante ao reconhecermos que é típico de Paulo Honório dar grandes proporções aos “favores” realizados para as pessoas. Isto geralmente é feito através do destaque que se dá à situação anterior da pessoa favorecida.

Na visão de Paulo Honório, ser trazido para *S. Bernardo*, receber casa e comida, é um alto benefício oferecido a seu Ribeiro, um favor que somente se justifica por dois motivos: o primeiro deles, é a necessidade de mão-de-obra especializada, agora exigida pela fazenda, “e, como necessitasse um guarda-livros, trouxe-o para S. Bernardo.” — p. 43; o segundo, é a inesperada simpatia que o narrador sente pela personagem, seu oposto.

Num artigo intitulado *São Bernardo: sugestões de leitura*, Edílson Amorim (2004, p. 185) apresenta sucintamente o modo como Paulo Honório se relaciona com cada personagem do romance. Em relação a seu Ribeiro, o autor o situa entre as duas únicas pessoas tratadas com respeito, ou certo afeto, pelo narrador: Mãe Margarida e Casimiro Lopes. Um ponto a que o autor do texto faz menção é a presença de motivos pragmáticos que justificam tal mudança de atitude, pois que Paulo Honório é sempre violento, autoritário, agressivo, com as pessoas.

No caso do capataz, nota-se realmente uma relação extremamente pragmática, uma vez que Paulo Honório o estima porque recebe dele tudo o que lhe apraz: obediência, fidelidade e serviços de cão. No caso de Mãe Margarida, a doceira que cuidou de Paulo Honório na infância, a questão já ganha outros matizes. De fato, o narrador analisa a estada de Mãe Margarida na fazenda de um ponto de vista puramente financeiro e com a segura afetiva que lhe caracteriza. Sua vinda para S. Bernardo é na verdade uma espécie de pagamento/retribuição pelo tempo que cuidou do menino Paulo Honório. No entanto, é preciso reconhecer que Paulo Honório mantém uma relação conflituosa com os seus credores e que nunca mostra interesse em pagar favores humanitários.

Já com seu Ribeiro, notamos que o pragmatismo é o mais tênue de todos, uma vez que a simpatia que o narrador lhe destina ao conhecê-lo não tem precedentes, como no caso de Mãe Margarida, nem tampouco seu Ribeiro é um empregado tão ideal e padrão como Casimiro Lopes, posto que é vagaroso, calmo e antiquado. Quais serão então as razões para esta simpatia?

Como afirmamos numa das partes iniciais deste trabalho, são poucas as passagens do romance em que seu Ribeiro aparece. Depois de seu capítulo, a personagem é retomada com alguma relevância para o encadeamento do romance apenas no capítulo XVIII. É nesta parte que mais podemos ver a parcialidade do narrador em relação à personagem.

O evento realmente importante em torno do qual o capítulo se constrói é um desentendimento entre os protagonistas, Paulo Honório e Madalena. Tipicamente, esse desentendimento origina-se numa discussão sobre o salário de seu Ribeiro, minguido aos olhos de Madalena e volumoso para Paulo Honório. O pivô da discussão, no entanto, será d. Glória, que, com uma única palavra, será culpabilizada pela primeira briga do casamento. A atitude é, dessa forma, tão ilógica e subjetiva que ao rememorar a situação o narrador quase que reconhece isto: “Mas atirei a responsabilidade para d. Glória, que só tinha dito uma palavra.” — p. 115. Ao mesmo tempo em que a subjetividade faz o narrador lançar sobre d. Glória a culpa, faz também com que ele não entenda seu Ribeiro como o causador da discórdia, o que, se não era o certo, era o mais racional. O encadeamento do diálogo (por sinal, primoroso) mostra que o tema do salário tem origem na situação hipotética criada por seu Ribeiro, em que Madalena, com a morte do guarda-livros, seria a responsável pela escrituração, tópico que abre o capítulo: “A excelentíssima, declarou seu Ribeiro, entende de escrituração.” — p. 113. É ao imaginar-se na função do guarda-livros de S. Bernardo, pondo-se no lugar do empregado, que Madalena reclama do baixo salário, o que evidentemente só poderia aborrecer o narrador. Como neste caso, a voz do empregado está na boca da própria Madalena, Paulo Honório não pode ou não consegue liquidar a reivindicação com a sua brutalidade habitual, sendo esta, portanto, dirigida a d. Glória.

Caminhando nessa perspectiva, a leitura desse lance na cena mostra uma das razões para a simpatia do narrador por seu Ribeiro: a aceitação das más condições criadas por Paulo Honório. Diferente de Madalena, que reclama da precariedade dos outros, seu Ribeiro aceita muito solícitamente a situação imposta pelo narrador: “É exato, confessou seu Ribeiro. Não me falta

nada, o que recebo chega” — p. 115. Evidentemente, esta espécie de submissão, que na concepção de Paulo Honório só pode ser entendida como servilismo, é um forte ponto para a adesão do narrador. Vale salientar, no entanto, que o submeter-se de seu Ribeiro não deve ser entendido como “mau-caratismo”, como sujeição barata: o que o guarda-livros sente na verdade é medo de perder o pouco que recebe, retornando às anteriores condições de semi-mendicância: “A mim só chegam desgraças. Enfim tenho aqui um pedaço de pão. E se essa infelicidade viesse, nem isso me davam.” — p. 153

Além desta característica, há no perfil de seu Ribeiro duas outras características que merecem a atenção do narrador. A primeira delas diz respeito ao estilo de trabalho da personagem, um pouco diferente daquele geralmente esperado de um empregado de Paulo Honório. Sempre muito decidido e brusco, o narrador age sem pausas, sem vacilos. Quando descreve as atitudes de seu Ribeiro, é visível como ele focaliza a sua lentidão: “Escrevia neles com amor lançamentos complicados, e gastava quinze minutos para abrir um título, em letras grandes e curvas, um pouco trêmulas, as iniciais cheias de enfeites.” — 113. A alusão à escrita “trêmula” de seu Ribeiro e ao tempo gasto para a realização de suas obrigações é uma constante. Mas é interessante que a menção ao “mau/lento” funcionário nunca é revestida de um sabor acrimonioso. Se como empregado, seu Ribeiro não recebe elogios, também não é alvo de críticas:

Convidei-o silenciosamente olhando uma janela por onde se viam, sobre livros de escrituração, as suíças brancas e os óculos de seu Ribeiro. Entramos no escritório. Estávamos em princípio de mês. Abri o cofre e entreguei ao advogado duas pelegas de duzentos. Seu Ribeiro tremeu no borrador um lançamento circunstanciado e afastou-se discretamente. (RAMOS: 2005, p. 54)

A outra característica que merece a atenção do narrador é o uso da linguagem por parte da personagem para livrar-se do discurso do seu patrão. Sendo uma pessoa cordial, seu Ribeiro se vale de uma linguagem eloqüente para escapar das grosserias do narrador. Paulo Honório, que em tudo curto e grosso, perde-se no estilo escorregadio de seu Ribeiro. Uma situação que ilustra isto é a cena do atraso do balanço patrimonial. Apertado por Paulo Honório, seu Ribeiro angustia-se diante do interrogatório que o induz a divulgar a causa do atraso do balanço, optando pelo silêncio. Acreditando que a causa é as “intromissões” de d. Glória, Paulo Honório perde então o meio termo, indo direto ao ponto tanto em relação à pessoa, quanto à ação: “— Que é que d. Glória vem fuxicar aqui, seu Ribeiro?”:

— Nada de importância, respondeu o guarda-livros. A senhora d. Glória é um coração de ouro e versa diferentes temas com proficiência, mas eu, para ser franco, não a tenho escutado com a devida atenção. Achei ridículo interrogar aquele homem grave sobre os mexericos de d. Glória. (RAMOS: 2005, p. 133)

Há na resposta da personagem uma quebra de expectativa tal que o próprio Paulo Honório se desnorteia. A atitude elogiosa a alguém que estava sendo agredida verbalmente, assim como a transferência da culpa para si mesmo, tudo isto numa linguagem antiquada, afetuosa e ambígua

(ao mesmo tempo em que a resposta autoriza a compreensão de que d. Glória tem realmente “conversado demais”, desautoriza a mesma leitura ao dizer também que ele não lhe tem dado ouvidos), deixam o narrador sem saída, restando a ele somente a sensação do ridículo.

Excelentes qualidades para um guarda-livros de Paulo Honório (em especial, para presenciar a consumação de projetos anti-éticos), a discrição e a gravidade de seu Ribeiro, materializadas através dessa linguagem de outros tempos, servem de também para desviar-se do discurso seco e opressivo do narrador, deixando-o sem resposta.

4. Quando tomamos um rumo errado na vida, sempre imaginamos onde e em quais circunstâncias estaríamos se acaso a escolha houvesse sido diferente. Vemos essa atitude no capítulo XXXVI de *S. Bernardo*. Nele, o narrador faz um balanço tanto da sua experiência com Madalena, quanto dos seus projetos de vida. Retomando mais uma vez a necessidade de escrever, Paulo Honório finaliza externando as suas motivações: as dificuldades interiores ocasionadas pela morte da mulher e todos os eventos que a acompanharam: a solidão, a falta de entusiasmo para as atividades da fazenda, enfim, a necessidade de “acordar” as lembranças, na tentativa de ao menos supor as respostas que seu espírito reificado, calcificado, mal consegue formular.

Sem dúvida, a escrita proporciona a Paulo Honório a compreensão de muitas coisas. Uma delas é justamente esta: reconhecer que o percurso escolhido e delineando ao longo dos anos poderia ter sido outro. Nesse processo de reconhecimento, Paulo Honório “fantasia” três formas de vida possíveis caso as suas ações houvessem sido diferentes. Em cada uma dessas três hipóteses, o narrador cria realidades que se distinguem pela ausência da busca desenfreada pelo capital, tornando-as com isto menos opressivas e opressoras.

A primeira realidade imaginada tem como pano de fundo o casebre de Mãe Margarida, no qual o narrador viveu na infância. Nas conjecturas de Paulo Honório, caso ele houvesse aí permanecido, o que possuiria seria pouco; em compensação, as necessidades seriam igualmente reduzidas, bastando para supri-las uma esteira e café com rapadura.

A segunda realidade baseia-se na opção de ter-se casado com a Germana. Nesta, o horizonte de perspectiva se amplia, contudo “percorrem uma órbita acanhada”. Aqui também o narrador seria provido com pouca coisa: meia dúzia de cavalos, um punhado de terra e um par de roupas novas para a família anualmente. O Paulo Honório hipotético não seria fazendeiro, mas almocreve e para tanto apenas as alpercatas e um gole de cachaça no tempo frio lhe bastariam para viver (paradoxalmente) “alegre como um desgraçado”.

Essas duas possibilidades vislumbradas pelo narrador relacionam-se a experiências suas. A terceira liga-se, no entanto, ao mundo de seu Ribeiro, agora re-descrita. A subjetividade do narrador, bem mais acentuada nesta parte, o faz ver o povoado do patriarca como uma possibilidade para a felicidade. Essa mudança repercute sensivelmente na forma de apresentar a

realidade do povoado, agora sem a nota de desprezo anterior. Notemos que, se o conteúdo é o mesmo, a atitude porém já é outra quando comparada à narrativa do capítulo VII:

Penso no povoado onde seu Ribeiro morou, há meio século. Seu Ribeiro acumulava, sem dúvida, mas não acumulava para ele. Tinha uma casa grande, sempre cheia, o jerimum caboclo apodrecia na roça — e por aquelas beiradas ninguém tinha fome. Imagino-me vivendo no tempo da monarquia, à sombra de seu Ribeiro. Não sei ler, não conheço iluminação elétrica nem telefone. Para me exprimir recorro a muita perífrase e muita gesticulação. Tenho, como todo o mundo, uma candeia de azeite, que não serve para nada, porque à noite a gente dorme. Podem rebentar centenas de revoluções. Não receberei notícia delas. Provavelmente sou um sujeito feliz. (RAMOS: 2005, p. 219)

Ao transportar-se para esta outra condição, Paulo Honório esquiva-se de ser o proprietário, preferindo não a posição de seu Ribeiro, mas a do governado por este. Os melhoramentos vindos com a modernidade e que eram concebidos pelo narrador como favores dados aos seus trabalhadores (iluminação e rapidez das informações sobre a exterioridade) são agora tidos como inúteis e a ausência deles é até de melhor ganho para o indivíduo. Mas infelizmente, para Paulo Honório, essas realidades “felizes” são apenas fruto de um devaneio momentâneo que somente o alivia da situação atual, ruim, conflituosa que vive.

Enfim, apesar de ser no romance o representante autêntico do sistema capitalista, Paulo Honório não tem consciência de que está totalmente subordinado à força dessa ideologia. O narrador de *S. Bernardo* é uma peça fundamental, a mola propulsora que contribui para a afirmação da *ideologia do capital* ao realizar as ações que planeja ao longo da vida. Se Paulo Honório desconhece o próprio sistema de que é o símbolo maior e para o qual se encaminhou desde cedo, menos consciência tem de que é possível viver de uma forma diferente, ou de que em determinada época a sociedade viveu com base num sistema social e econômico diferente daquele que ele experimenta e que acha único e melhor.

Ao chegarmos ao final de *S. Bernardo* e a esta parte em que o narrador relembra o povoado de seu Ribeiro, entendemos que, para Paulo Honório, a função primordial da personagem é proporcionar a possibilidade de tomar conhecimento da existência (mesmo que remota) de um mundo menos brutal. Compreendendo as causas que desmancharam esse mesmo mundo, é possível também que o narrador reconheça a si como seguidor do movimento progressista que transformou o major seu Ribeiro no guarda-livros de S. Bernardo.

Para o leitor de *S. Bernardo*, a figura de seu Ribeiro contribui também para a própria configuração de Paulo Honório, uma vez que a relação de oposição estabelecida por ele põe em evidência os caracteres formadores da personalidade do narrador. Além disto, vemos que com seu Ribeiro o narrador se distingue como personagem complexa, na qual visões reificantes coexistem com sentimentos humanos, ainda que estes venham à tona de maneira diminuta, estrangulados por sua percepção. Entre d. Glória e Padilha, seu Ribeiro é a pessoa menos reificada pelo olhar de Paulo Honório. Ao mesmo tempo em que a natureza reificadora, desumana, faz Paulo Honório

enxergar seu Ribeiro como indivíduo retrógrado, mercadoria em desuso, seu lado humano, embora obscurecido por sua natureza, o faz tratá-lo com certa afetividade.

Sem querer correr o risco de cair em especulações no final deste trabalho, chamamos de hipótese uma outra razão para esta afetividade do narrador: gostaria de supor que ela estaria ligada à figura paterna que o “patriarca” seu Ribeiro representa. Nesse sentido, não apenas Paulo Honório, como a órfã Madalena, teria sua simpatia justificada pela ausência/carência de um referencial paterno, inexistente para ambos: “Possuo a certidão, que menciona padrinhos, mas não menciona pai nem mãe. Provavelmente eles tinham motivos para não desejarem ser conhecidos.” — p. 15.